



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chile Brasileira de Educação Inclusiva

A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA AQUISIÇÃO DA LEITURA DA CRIANÇA COM AUTISMO NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Ana Paula Borges Laurindo (1); Livânia Beltrão Tavares (2)

Universidade Estadual da Paraíba – anapaulapsi2009@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar um relato de Atendimento Educacional Especializado (AEE) com uma criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O professor de AEE, ao buscar alternativas de interação social com sua aluna através de observações e a fim de atender à necessidade da criança, ao traçar um plano de atendimento focado nas suas potencialidades, insere a música como recurso pedagógico. Sabendo que a musicalização seria especificamente um apoio primordial na promoção da socialização da aluna. Logo foi percebido que havia nessa relação um contato com a leitura de mundo. Percebemos que essa forma de ler o mundo, reconhecendo as palavras das capas dos DVDs, que utilizávamos no atendimento, seria a porta de entrada para iniciar o processo de aquisição da leitura de nossa aluna. Algumas palavras das músicas trabalhadas já faziam parte do registro da memória da criança, a partir delas novas palavras que estavam presentes nas músicas, foram introduzidas, na descoberta da leitura, através da relação interpessoal desenvolvida neste atendimento. Apresentamos algumas diretrizes da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva para as pessoas que apresentam o Transtorno do Espectro Autista e os aspectos legais da inserção da música no currículo escolar. Como a música é parceira da aprendizagem e do desenvolvimento, a musicalização no AEE contribuiu em diversos aspectos: a relação professora-aluna, antes distante e sem comunicação, passou a ser de vínculo afetivo e de novas possibilidades de aprendizagem, permitindo a descoberta da leitura funcional e um avanço no mundo letrado dessa criança. Enfatizamos que o professor mediador, ao focar nas competências dos alunos e não em suas deficiências, possibilita um processo inovador de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Autista. Inclusão. Música. Interação. Leitura.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a educação está cada vez mais voltada para garantir acesso e permanência à diversidade de pessoas que se encontram matriculadas nas escolas, em busca de garantir os direitos de aprendizagem para todos. Dessa forma, a escola precisa adquirir competências e recursos pedagógicos que atendam a essas diferenças e ofertar uma educação inclusiva em todos os seus aspectos. Para Mantoan (1998) e Sasaki (1998), a inclusão atende às necessidades e demandas de todas as crianças, sem nenhuma distinção. A sociedade e a escola, então, necessitariam adaptar-se para atender às especificidades de cada um. Assim, cada diferença na escola deve ser entendida como uma nova forma de ensinar e aprender.



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chile Brasileira de Educação Inclusiva

Trata-se de uma busca constante por novos métodos e recursos pedagógicos que viabilizem uma escola viva e inclusiva para todos.

Com o avanço das Políticas Legais voltadas para a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, deparamo-nos com um número crescente de crianças com deficiência e Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) no ambiente escolar. De acordo com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência aprovada pela ONU em 2006, no seu artigo 24, “As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem” (BRASIL, 2010, p.15).

Nesse contexto das diferenças, encontramos no ensino regular, mais precisamente na Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), termo utilizado de acordo com a tradução feita em 2012 do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5*. Este manual caracteriza as crianças com TEA como sendo aquelas que apresentam em contextos diversos: dificuldade de habilidade social e/ou na área da comunicação, comportamento repetitivo, interesses restritos em atividades e processamento sensorial.

As crianças com TEA, segundo Belisário Filho (2010) representam um grande desafio ao professor nesse processo de inclusão escolar, trata-se de uma nova experiência na busca de recursos pedagógicos que possibilitem uma interação social e o avanço no processo ensino e aprendizagem.

O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

De acordo com o Decreto n. 6.571/2008, que dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE), as crianças que apresentam Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), cujo quadro engloba o Transtorno do Espectro Autista (TEA), e que se encontram matriculadas na rede regular de ensino têm direito ao Atendimento Educacional Especializado como complemento ao ensino regular. Um de seus objetivos destacados no Art. 2º é “Fomentar o desenvolvimento de recursos pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem” (BRASIL, 2010, p. 27).



As crianças diagnosticadas com TEA necessitam de recursos pedagógicos que estimulem sua comunicação e socialização. Os professores de AEE necessitam procurar essas ferramentas pedagógicas para adentrar no mundo autista, e assim estabelecer um vínculo afetivo e promover a evolução do desenvolvimento da criança.

Segundo Chiarelli e Barreto (2005), a musicalização como recurso pedagógico contribui para vários aspectos: não só na esfera artística, mas para o desenvolvimento integral na área do equilíbrio emocional, da socialização e do desenvolvimento da linguagem.

A música está presente na educação, regulamentada pela Lei n. 11.769/2008. Permitir que esta arte seja um recurso de aprendizagem e de interação social é fazer a leitura das diversas linguagens presentes nesse cenário pedagógico que precisa atender a toda diversidade.

Em uma escola pública do município de Campina Grande, temos observado no AEE que, além de interação social, comunicação e expressão das emoções, o trabalho com a música está sendo um suporte para o desenvolvimento da leitura da criança autista. A ampliação da percepção auditiva e da atenção vem relacionando uma comunicação entre música e mundo letrado. Esta situação nos fez refletir sobre a descoberta da leitura de uma criança autista através da música, bem como na possibilidade de mediação do professor de AEE nesse processo em parceria com o professor da sala regular.

Este trabalho, cuja temática aborda *A música como recurso pedagógico na aquisição da leitura da criança com autismo no atendimento educacional especializado*, tem como objetivo suscitar reflexões acerca do referido tema na prática pedagógica dos professores da sala de AEE, como também dos professores da sala regular, contribuindo para novos métodos pedagógicos que possam levar a criança autista à descoberta do mundo letrado através da musicalização.

Com base no pensamento de Vygotsky (1991), que em seus estudos sobre desenvolvimento e linguagem faz referência à Educação Especial, constatamos que toda criança é um ser social, capaz de aprender, e que suas funções mentais se desenvolvem mediante auxílio externo. Assim, a mediação permite o surgimento da Zona de Desenvolvimento Proximal na criança, representada por toda ação que ela consegue realizar com a ajuda de outra pessoa.



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chile Brasileira de Educação Inclusiva

Nesta pesquisa, a Zona de Desenvolvimento Proximal será estimulada na interação social entre o professor do AEE e a criança autista através de sua relação com a música e o mundo letrado, com foco nas potencialidades do sujeito e não nas suas limitações. Isto poderá permitir o desenvolvimento de suas funções mentais, que levará à evolução, na concepção vygotskiana, para a Zona de Desenvolvimento Potencial, isto é, tudo o que a criança conseguirá fazer de forma independente, embora antes fizesse com auxílio.

METODOLOGIA

Através do método da observação, analisamos o desempenho de uma aluna de 7 anos matriculada no 1º ano do Ensino Fundamental da rede Municipal de Ensino, diagnosticada com o CID. F 84 - Autismo Infantil, e que vem sendo acompanhada pela mesma professora de Atendimento Educacional Especializado desde a Educação Infantil. O estudo foi iniciado quando se percebeu que a criança apresentava interesse por vídeos musicais, chegando a se comunicar claramente com a professora através da música e também a se irritar quando a música não estava presente em sua rotina de atendimento. Solicitamos da responsável o termo de consentimento para que sua filha participasse deste estudo, tendo autorizado a divulgação de imagens e vídeo. Também respondeu a um questionário sobre a relação entre a música e a sua criança. A coleta de dados se deu a partir da Intervenção Pedagógica no AEE, sendo o atendimento uma vez por semana e com a duração de uma hora. No intuito de relacionar a contribuição da música para o processo de interação e aquisição da leitura da criança autista, a partir de levantamentos bibliográficos e da observação supracitada, apresentaremos recortes desses atendimentos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O Atendimento Educacional Especializado é precedido de anamnese com a mãe, conversa informal com a professora da sala regular e observação da criança em ambientes diversos. Posteriormente a esse processo de observação, é traçado um Plano de AEE específico para a criança, com o objetivo de desenvolver suas potencialidades, que segue os princípios da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL,2010).



Assinalado na Lei n. 12.764/2012, o MEC institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, citando como uma de suas diretrizes o planejamento e organização do atendimento educacional especializado, considerando as características individuais de cada estudante que apresenta transtornos do espectro autista, com a elaboração do plano de atendimento objetivando a eliminação de barreiras que dificultam ou impedem a interação social e a comunicação.

Diante dessa proposta, o Plano de AEE foi construído como complemento ao Ensino Regular, ofertando recursos de Tecnologia Assistiva, além de diversas mídias com objetivos específicos para promover a interação social e a aprendizagem da aluna.

Ao considerar Vygotsky (1991), sabemos que o indivíduo é construído socialmente e sua interação com o outro promoverá ações independentes, construídas e mediadas na relação com o professor, o cuidador ou outra criança. O desafio naqueles momentos iniciais de AEE era romper a barreira do discurso sem conexão para uma comunicação pela qual pudéssemos nos fazer entender. Carvalho (2000) afirma ser necessário romper as barreiras atitudinais para promover a aprendizagem das pessoas com deficiência. Muitas barreiras precisavam ser rompidas para garantir a permanência e a aprendizagem da criança autista na escola.

Ao tentar estabelecer uma conversa: “Bom dia, Yanne, como você está?” à a resposta não acontecia. Parecia que ninguém estava se dirigindo à criança. Ela utilizava a linguagem de forma aleatória, com repetições, locuções de programas de TV, a que sempre assistia em casa, de acordo com as informações obtidas com a mãe. Então, ela sempre repetia aleatoriamente: “A letra do dia é G! G de Garibaldi, Garibaldi. Qual letra do dia? Chega! Chega!”-(gritando). Essa forma de linguagem, conhecida como ecolalia, já havia sido citada por Kanner em seus estudos iniciais sobre autismo infantil e sua forma de comunicação, afirmando que a expressão da linguagem era “uma combinação de palavras ouvidas e repetidas como um papagaio” (KANNER, 1943 apud CARVALHO, 2012, p. 149).

Durante alguns atendimentos, Yanne sempre pegava uma cestinha que servia para guardar livros e colocava seu capuz na cabeça. E sem nenhum contato corporal ou visual, iniciava seus recontos e repetições do que havia ouvido e assistido diariamente. Sempre recontava em forma de canção a história de Chapeuzinho Vermelho: “Eu sou o lobo mal, lobo mal! Seu lobo está? ”



Nesse momento, instigávamos a aluna, no intuito de estabelecer uma comunicação e perguntávamos: “Onde está a chapeuzinho? E o lobo?” Ela nunca respondeu. Mas, quando cantávamos também e fazíamos as mesmas perguntas, ela parava o que estava fazendo. Estava ouvindo! Então, respondia cantando: “Vou passear na floresta enquanto seu lobo não vem”. E parava. Logo, cantávamos: “Seu lobo está?” E ela respondia: “Estou vestindo o casaco”. Olhava para nós e esperava a próxima frase cantada.

Figura 1- Música do conto Chapeuzinho Vermelho.



Fonte: Acervo da autora.

Percebia-se nesse momento, como afirmam Bosa e Camargo (2012), a necessidade de o ambiente ser facilitador do desenvolvimento através de uma interação social de qualidade.

Levando em conta o interesse da aluna e a resposta dada através da música, foram introduzidos na rotina do Plano de AEE vídeos musicais. Yanne cantava e dançava com bastante alegria, permitindo até que pegássemos em sua mão e cantássemos com ela.

A partir de então, logo que chegava à sala, procurava um instrumento musical e já começava a cantar. Dirigia-se ao computador e falava: “DVD, bote, ligar, Clique! Clique!” A aluna apresentava ritmo, expressão corporal, memória musical, comunicação e vínculo nos momentos em que juntas cantávamos. Havia uma relação interpessoal significativa a partir da musicalidade.

A música é uma linguagem universal e que auxilia o desenvolvimento humano, pois, conforme afirma Bréscia (2003), a música é capaz de desenvolver habilidades motoras, auditivas, visuais, linguísticas, cognitivas, afetivas, entre outras. A importância da música para a educação e o desenvolvimento cognitivo é reconhecida a partir da Lei n. 11.769/2008, que vem introduzir a Educação Musical como obrigatoriedade na Educação Básica do nosso país.

Por saber que a música seria um recurso pedagógico nesta intervenção, passamos a explorar a pseudo-leitura que a criança já demonstrava ao ler as capas dos DVDs.



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chile Brasileira de Educação Inclusiva

Segundo Juhlim (2012, p. 06), “as crianças com necessidades especiais obtêm o desenvolvimento da leitura e da escrita da mesma forma que outras crianças ditas ‘normais’, quando estimuladas adequadamente”.

A partir dos vídeos musicais *ABC Turma da Mônica* e *1,2,3 indiozinhos*, foram ofertadas a Yanne palavras em letras móveis que estavam contidas nas músicas trabalhadas, para que ela identificasse o que já conhecia. Yanne interagiu bem; dava uma volta na sala, cantarolando, e voltava para a mesa onde estavam expostas as palavras. Quando questionada “que palavra é essa?_”; ela silenciava um pouco e pausadamente realizava a leitura. Nesse panorama, Juhlim (2012) nos faz compreender que a leitura ganha o caráter funcional a partir da música e das palavras que a criança já conhece e canta.

De acordo com Vygotsky (1998), o processo de mediação através de ações que valorizem o potencial da criança através de ferramentas pedagógicas verbais e não-verbais acarretará o desenvolvimento das funções superiores: memória, linguagem, escrita, abstração, atenção, dentre outros aspectos. Embora esta criança seja autista, suas funções mentais não estão todas comprometidas. Uma metodologia adequada ao seu interesse e ao seu nível de desenvolvimento trará evolução ao processo ensino e aprendizagem. Então, a próxima intervenção com Yanne seria a partir da escrita da música: estimular a leitura de novas palavras, solicitando que ela associasse as figuras musicais em jogos e livros.

Brescia (2003) afirma que, através da reação à música, podemos encontrar o caminho das comunicações, das emoções e do vínculo em uma criança autista. Essa relação estabelecida no AEE deve seguir uma sequência didática mediada pelo vídeo musical, pelo instrumento tocado, a dança em dupla, a letra da música e a associação entre imagens e palavras. Tem sido uma prática pedagógica que, através da comunicação estabelecida pela música, vem auxiliando e promovendo o desenvolvimento da leitura dessa criança autista.

Figura 2 - Música: “Beijo, beijinho, beijão”.



Fonte: Acervo da autora.



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chile Brasileira de Educação Inclusiva

CONCLUSÃO

A escola é um espaço de construção e reconstrução de paradigmas. O processo de inclusão das pessoas autistas nas escolas tem provocado em toda a comunidade escolar um misto de angústia por não saber o que fazer e o desejo de oferecer uma metodologia pedagógica que sinalize alguma interação social entre professor e aluno. Nesse processo de construção e reconstrução, o professor, ao quebrar a barreira atitudinal, que impede um olhar de aceitação para as diferenças, será movido pela busca de novas possibilidades e ferramentas que permitam o processo de ensinar e aprender. É na interação com o outro que ocorre a evolução do desenvolvimento. Por mais distantes que pareçam de nós as pessoas autistas, elas sinalizam alguma forma por intermédio da qual possamos nos aproximar. Através do Atendimento Educacional Especializado (AEE), podemos desvendar ou procurar essas ferramentas pedagógicas que permitam à criança autista o acesso ao mundo afetivo, social e de aprendizagem.

A música é uma das ferramentas pedagógica que vem contribuir para a comunicação, a expressão de sentimentos, o desenvolvimento da psicomotricidade e também para a aquisição da leitura. Tal expressão artística se insere no plano de AEE como um instrumento social e pedagógico que trabalhará as competências e possibilidades da pessoa autista na transição do mundo individual para o mundo social e do mundo cantado para o mundo letrado.



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chile Brasileira de Educação Inclusiva

REFERÊNCIAS

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. Transtornos globais do desenvolvimento. **Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**, v. 9. Brasília: Ministério da Educação, 2010. ~~Obra não citada no texto.~~

BOSA, Cleonice Alves; CAMARGO, Sígla Pimentel Höher. Competência social, inclusão escolar e autismo: Um estudo de caso comparativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 3, p. 315-324, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n3/a07v28n3.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

BRASIL. **Marcos Políticos Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial, 2010.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A criança no ciclo de alfabetização: Caderno 2**. Brasília: MEC/SEB, 2015.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

CARVALHO, Glória Maria Monteiro de. O ritmo como questão nas manifestações verbais singulares do autista. **Rev. adm. contemp.**, v. 5 no. spe., Curitiba, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142012000400003>. Acesso em: 22 ago. 2016.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem**. São Paulo: Mediação, 2000.

CHIARELLI, L. K. M.; BARRETO, S. DE J. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. **Revista Recre@rte**, n. 3, 2005.

MANTOAN, M. T. E. Integração x Inclusão: Educação para todos. **Pátio**, n. 5, p. 48-51. 1998.

JUHLIN, Vera. Alfabetizando crianças com autismo. **Revista Autismo**, edição 2, p. 6-7, abr. 2012.

SASSAKI, R. K. Integração e inclusão: Do que estamos falando? **Temas sobre desenvolvimento**, n. 7, v. 39, p. 45-47, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chile Brasileira de Educação Inclusiva

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

